



OS TRÊS RAMINHOS VERDES

E UVE, uma vez, um piedoso eremita que vivia numa floresta, ao pé de uma montanha, e aí passava os dias em orações e praticando boas obras. Tódas as tardes, como penitência, carregava dois baldes cheios de água pela montanha acima. Muitos animais matavam a sêde com aquela água; também regava muitas plantas e flôres, pois no cumme das montanhas sopra sempre um vento glacial, que seca o ar e a terra; e os pássaros silvestres, que fogem da presença humana, voando em círculos nas alturas, procuravam com olhar agudo um pouco de água. O eremita era tão piedoso que um Anjo do Senhor, para êle visível, sempre o acompanhava na subida da montanha, contando os seus passos e levando-lhe comida quando terminava o trabalho, tal como o Profeta que, por vontade de Deus, era alimentado pelos corvos.



Assim, vivendo santamente, o eremita ficava sempre mais velho e, um belo dia, viu ao longe um malfetor que estava sendo conduzido à fôrca. Então disse de si para si: "Aquêle está recebendo o que merece!"

À tarde, quando levou a água para a montanha, o Anjo que sempre o acompanhava não apareceu e não lhe trouxe comida. Assustou-se com tal fato e fêz um sério exame de consciência para ver que pecado cometera e por que Deus estava assim descontente. Mas de nada se lembrou. Deixou de comer e beber, prostrando-se no chão, orou dia e noite. E, em certo momento, quando estava chorando amargamente na floresta, ouviu o delirioso trinado de um passarinho; perturbando-se mais ainda com êsse canto alegre, exclamou:

— Como cantas alegremente! O Senhor não está zangado contigo! Ah, se pudesses dizer-me que fiz para ofender a Deus a fim de me penitenciar e recuperar a serenidade e a alegria do coração!


O passarinho abriu o bico e falou:

— Cometeste pecado de injustiça ao julgar aquêle pobre criminoso que iam enforcar. Por isto é que o Senhor se ofendeu, porque só a Elle cabe o direito de julgar. Mas, se te arrependes e fazes penitência pelo teu pecado, o Senhor te perdoará.

Nesse mesmo instante, apareceu o Anjo, trazendo na mão um raminho sêco, dizendo-lhe:

— Levarás êste raminho sêco até que brotem dêle três raminhos verdes; à noite, quando quiseres dormir, deves colocá-lo embaixo da tua cabeça. Terás de mendigar o pão de porta em porta e nunca poderás passar duas noites sob o mesmo teto. É esta a penitência imposta por Deus em consequência do teu pecado.





Então o eremita tomou o ramo sêco e voltou para a agitação do mundo, que já não via há tanto tempo. Comia e bebia apenas aquilo que lhe davam nas portas caridosas; mas, muitas vezes, seu pedido não era atendido e muitas portas fechavam-se-lhe no rosto; portanto, às vezes, passava dias inteiros sem ganhar uma migalha de pão.

Uma vez tinha mendigado de porta em porta todo o santo dia sem que ninguém lhe desse nada; ninguém quisera ceder-lhe abrigo nem mesmo para uma noite; então êle arrastou-se, vagarosamente, até a floresta próxima e aí encontrou uma caverna habitada dentro da qual se achava uma velha sentada. Êle entrou e disse:

— Boa mulher, deixai-me ficar aqui esta noite!

— Não, — respondeu ella. — Não poderia, mesmo que o quisesse. Tenho três filhos malvados e ferozes que se vos encontrarem aqui, ao voltar da pilhagem, certamente darão cabo de nós ambos.


— Deixai-me ficar mesmo assim! — disse o eremita. — Não farão mal algum nem a mim, nem a vós.

O velha era compassiva, deixou-se comover e indicou-lhe um canto para descansar. O eremita deitou-se no chão, debaixo da escada, apoiando a cabeça sôbre o ramo sêco. Vendo isso, a velha perguntou-lhe a razão e êle então explicou que o levava sempre consigo por penitência, usando-o à noite como travesseiro.

— Ofendi a Deus, — disse êle — porque, vendo um condenado que ia para a fôrca, achei que era justo o castigo.

Então a velha pôs-se a chorar e soluçar.

NESSE MESMO INSTANTE APARE-
CEU O ANJO, TRAZENDO NA MÃO
UM RAMINHO SÊCO.



— Ah, se Deus assim castiga por uma simples lavra, que será de meus filhos quando comparecerem a presença para serem julgados?

Aí pela meia-noite, os bandidos recolheram-se à casa, jurando e praguejando. Acenderam o fogo e, quando as chamas iluminaram a caverna, viram o velho deitado sob a escada; muito furiosos, gritaram para a mãe:

— Que homem é aquê! Já não te proibimos de receber quem quer que seja aqui dentro?

— Deixai-o ficar, — respondeu a mãe. — É um pobre pecador, que está cumprindo a penitência que lhe foi imposta por Deus, por causa do seu pecado.

— Que fez êle? — perguntaram os bandidos. Dirigindo-se ao eremita disseram: — Conta-nos os teus crimes.

O eremita levantou-se e narrou como havia ofendido a Deus, proferindo algumas palavras impensadas, que eram a causa da sua penitência. Ouvindo isto, os bandidos ficaram tão impressionados que se horrorizaram da vida que levavam; apesar de endurecidos no mal, refletiram bem, reconheceram os seus crimes e, sinceramente arrependidos, juraram mudar de vida.

Após ter convertido os três pecadores, o eremita voltou a deitar-se debaixo da escada para dormir.

Na manhã seguinte, encontraram-no morto e do gahho século, que lhe servia de travesseiro, haviam brotado três raminhos verdes. Sinal de que o Senhor o havia perdoado e o chamara aos céus.



A FIANDERA PREGUIÇOSA

SÁ muitos, muitos anos, vivia numa aldeia um casal. A mulher, porém, era tão preguiçosa que nunca tinha vontade de trabalhar. Se o marido mandava-a fiar, ela empregava um tempo enorme para o fazer, não acabava nunca o trabalho e, se acaso punha-se a fiar, não dobrava o fio, deixando-o todo embaraçado.

Certo dia, em que o marido a censurava por isso, retrucou-lhe, dizendo:

— Como queres que dobre direito o fio se não tenho a dobadoura? Seria melhor que fôsses arranjar um pau e me fizesses uma!

— Se é só isto, — disse o marido — vou buscar um pau na floresta e faço uma.

A mulher, então, recebeu que êle de fato encontrasse o pau e fizesse a dobadoura, o que a obrigaria a trabalhar.